



PERCEPÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO

[Rosío Fernández Baca Salcedo](#)

RESUMO

O Centro Histórico de Ouro Preto está localizado entre as coordenadas geográficas 20°23'28" de latitude Sul e 43°30'20" de longitude W.Gr. O objetivo deste estudo é propor a revitalização do centro histórico de Ouro Preto. Para tal, abordamos a visão geral sobre os centros históricos, a percepção do espaço urbano, os aspectos gerais dos períodos: colonial, imperial e republicano, e realizamos uma pesquisa junto aos moradores do centro histórico e os resultados foram analisados.

Palavras-chave: Percepção; Revitalização; Centro Histórico; Patrimônio.

ABSTRACT

The Historical Center of Ouro Preto is located at coortenates latitude South 20°23'28" and of longitude west 43°30'20". The objeive of this study is a proposition for a revitalization of the Historical Center of Ouro Preto. We present an international vision of Historical Center, the aspects of perception of the urban space, the general and historical aspects of periods: colonial, imperial and republican, especifyng an organization and urban space. We was developed a research with dwellers of the Historical Center of Ouro Preto and results were discussed.

Keywords: Perception; Revitalization; Historical Center; Patrimony.

PERCEPÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO

PERCEPÇÃO E REVITALIZAÇÃO

Os centros históricos "*son productos humanos, respuestas sociales a estructuras económicas determinadas. Su lectura atenta permite distinguir la identidad histórica de cada región, la yuxtaposición y sobreimposición de contenidos culturales aportados por generaciones sucesivas hasta la configuración de lugares-testimonio de la memoria colectiva de la ciudad*" (FERNÁNDEZ, 1984: 52). Entende-se histórico como tudo aquilo que expressa relevância na vida social e cultural de uma comunidade, e não somente os fragmentos mais antigos ou aqueles vinculados a um acontecimento histórico.

Também os centros históricos "*são todos os assentamentos humanos cujas estruturas unitárias ou fragmentárias, ainda que se tenham transformado ao longo do tempo, hajam se constituído no passado ou, entre muitos, os que eventualmente tenham adquirido um valor especial como testemunho histórico ou características urbanísticas ou arquitetônicas particulares*" (Governo da Itália: Carta do Restauro, 1972). Porém, o valor do centro histórico não apenas está representado na sua arquitetura, mas também na estrutura urbana. Podemos dizer que os centros históricos apresentam uma grande concentração de edificações de valor histórico, arquitetônico e afetivo, e constituem um conjunto urbano ainda preservado.

É importante ressaltar que a UNESCO ou Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (NAIROBI, 1976) recomenda: "*a proteção e a restauração deveriam ser acompanhadas de atividades de revitalização. Seria, portanto, essencial manter as funções apropriadas existentes, em particular, o comércio, o artesanato e criar outras novas que, para serem viáveis a longo prazo, deveriam ser compatíveis com o contexto econômico e social, urbano, regional ou nacional em que se inserem*". Além disto, a melhoria da qualidade de vida é outra medida de revitalização.

Entenda-se por revitalização a "*busca por uma nova vitalidade para as áreas urbanas, seja relativa a aspectos econômicos, sociais, culturais ou físico-espaciais. Trata-se de compor objetivos de desenvolvimento aos de recuperação e preservação de estruturas abandonadas ou deterioradas, intervindo em conteúdos sociais e econômicos através de variados mecanismos de controle e fomento dos processo urbanos*" (DEL RIO, 1996: 5). Também, o ICOMOS ou Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (TLAXCALA, 1982) recomenda "*que qualquer ação que tenda a preservar o ambiente urbano e os valores arquitetônicos de um lugar deve participar, necessariamente, da melhoria das condições sócio-econômicas dos habitantes e da qualidade de vida dos centros urbanos*". Por outro lado, para viabilizar a revitalização é necessário a elaboração e implementação de um plano e de um conjunto de projetos estratégicos para o centro, enquadrados no planejamento integral da cidade.

O planejamento estratégico urbano é um pacto de consenso entre agentes públicos, privados e cidadãos em prol de transformações que beneficiem a todos. Os projetos urbanos são hoje os elementos que definem a construção de uma cidade, seu valor estratégico está na capacidade de promover transformações no meio urbano regional que aumentem sua atratividade e sua coesão. Os projetos estruturadores do plano devem ser de alta qualidade que possibilitem sua compatibilidade econômica e social e dêem uma dinâmica a estrutura existente, melhorando a qualidade de vida (BORJA e CASTELLS, 1997).

Portanto, para a revitalização e melhoria da qualidade de vida dos centros históricos é necessário uma abordagem perceptiva; significa que é importante conhecer as inter-relações entre o homem e o meio ambiente. Os Centros Históricos estão a merecer pesquisas que considerem como seus moradores e usuários percebem, avaliam ou mesmo valorizam o seu habitat.

Entendemos a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos. DEL RIO (1996, 3), citando Gibson, ressalta que "*os primeiros são dirigidos pelos estímulos externos, captados através de cinco sentidos onde a visão é o que mais destaca. Os segundos são aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo-se que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente, existem contribuições do sujeito ao processo perceptivo desde a motivação à decisão e conduta*". Os mecanismos cognitivos incluem as necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos, motivações e expectativas do indivíduo. Convém lembrar que a percepção é consequência de um processo em que as características peculiares do indivíduo, da classe ou grupo social influenciam a avaliação do objeto.

Além disto, a "*percepção estará sempre ligada a um campo sensorial e ficará, conseqüentemente, subordinada a presença do objeto, que lhe fornece um conhecimento por conotação imediata*" (OLIVEIRA, 1996: 203). Atualmente os estudos urbanos têm incluído a percepção da cidade entre suas abordagens. Tuan e Lynch são autores que se destacam pela abordagem perceptiva em seus estudos. Hoje em dia seus trabalhos já podem ser considerados como clássicos.

Para TUAN (1983: 151) o espaço em contato com o homem assume muitos significados e "*transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado*".

As pessoas podem perceber a mesma cor, forma, textura, etc. de um objeto, mas o significado que atribuem ao objeto pode ser diferente em função das características individuais, da experiência, dos costumes, da personalidade, do temperamento, da idade, do sexo, da renda e da procedência. A experiência é uma variável que influencia a percepção, ela pode avaliar de forma comparativa.

Modos de agir, costumes de um grupo social são variáveis que influem na percepção sobre determinado objeto ou acontecimento. TUAN (1983: 163) confirma que "*cada cultura possui seus próprios símbolos de intimidade, amplamente reconhecidos pelas pessoas*". Outra variável que pode interferir na percepção da cidade é a personalidade e temperamento do indivíduo.

A idade é uma variável que influencia a percepção, havendo diferenças significantes entre os adultos e os jovens. O sexo é outra variável. Geralmente a educação dos filhos se faz por sexo. Estas diferenças entre homem e mulher fazem com que o conhecimento do espaço seja também diferente: a mulher conhece com mais detalhes o espaço interno, e o homem conhece melhor o espaço externo.

As diferenças entre as classes sócio-econômicas se manifestam em uma percepção diferenciada sobre o espaço. Assim, a pessoa com uma renda baixa pode perceber no espaço os problemas relacionados com suas necessidades básicas como saneamento, falta de oportunidades de trabalho, etc.

A procedência do indivíduo também influi na percepção. As pessoas do lugar se relacionam melhor com o espaço do que aquelas pessoas visitantes ou de permanência temporária. Com relação à cidade natal, TUAN (1983: 11) ressalta que "*a cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico; no entanto ofendemo-nos se um estranho a critica*". Isto é, para os do lugar, a cidade é um mundo de significados, os espaços e símbolos têm significados. Além disto, as pessoas do lugar se deslocam melhor, de uma maneira mais rápida que os visitantes. Para TUAN (1983: 191), "*a cidade é um lugar, um centro de significados por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis; mais ainda, a própria cidade é um símbolo...e, sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes*".

A visibilidade da cidade é representada pela sua arquitetura, estradas, praças, monumentos, parques, árvores, entre outros. Símbolos que para os usuários servem de orientação em seus deslocamentos. LYNCH (1988: 11) considera que os símbolos da cidade adquirem significado para seus usuários. Sobre a percepção da cidade, ressalta que a imagem da cidade é, além de outras coisas, para ser lembrada, contemplada e apreciada. *"Todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes de sua cidade, e a sua imagem está impregnada de memórias e significações"*. Quando o cidadão realiza uma determinada atividade no espaço, este espaço se torna o lugar de suas lembranças.

Além disto, LYNCH (1988: 12) afirma que, *"na maior parte das vezes, a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas, sim, bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos, e a imagem é o composto resultante de todos eles"*. Isto é, a percepção que temos sobre a cidade não é completa, pois nossas lembranças estão em relação a determinados fatos acontecidos ou vivenciados num determinado espaço da cidade. Podemos conhecer só uma parte da cidade, mas a impressão que temos dela está em função de nossas vivências.

Para LYNCH (1980: 11), a cidade é objeto de percepção das pessoas das diversas classes sociais e também produto da construção que continuamente está sendo modificada. Além disto, na cidade são importantes tanto as pessoas como seus elementos físicos e imóveis. Porque o homem não é um simples observador, também é construtor da cidade.

LYNCH (1988: 18) ressalta que *"a imagem pode ser analisada em três componentes: identidade, estrutura e significado"*. A imagem possui identidade, quando tem sua particularidade. A imagem tem de incluir a relação estrutural ou espacial com o observador e entre outros objetos. Finalmente, a imagem tem um significado para o observador, seja prática, seja emocional.

Segundo LYNCH (1980: 17), as imagens públicas são *"as figuras mentais comuns que um grande número de habitantes de uma cidade possui"* áreas de acordo, cujo aparecimento pode ser verificado na interação de uma realidade física, uma cultura comum e uma natureza psicológica básica.

ASPECTOS GERAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO

O município de Ouro Preto, com área de 1.194 km², está situado no Estado de Minas Gerais, Brasil, a aproximadamente 100 km. da capital do Estado, Belo Horizonte. Localiza-se nas coordenadas geográficas 20°23'28" de latitude Sul e 43°30'20" de longitude W.Gr. , na altitude média de 1.100m. Esta localização corresponde a uma região bastante montanhosa, de topografia acidentada, com declividades predominantes superiores a 25%, sendo 80% da área não aproveitada para atividades urbanas.

Segundo a classificação de Köppen, o clima de Ouro Preto corresponde ao tipo Cwb tropical de altitude, com verões suaves. A temperatura média oscila em torno de 18° a 20°C com chuvas no verão e inverno seco. As maiores precipitações pluviais ocorrem nos meses de janeiro e fevereiro, a média anual está em torno de 1.400 a 1.600mm. A predominância dos ventos ocorre na direção Leste-Oeste. Por sua vez, as

sombras e os ventos frios, compensa-se por um sol ardente, próprio da altitude, as variações de temperatura, aliadas à umidade de verão.

A formação geológica de Ouro Preto corresponde a área pré-cambriana, constituída essencialmente, de rochas meta-sedimentares e cristalinas, havendo ocorrências localizadas de rochas ígneas e graníticas; são rochas economicamente importantes pela presença de ouro, manganês e itabirito, excelente minério para a fabricação do ferro.

O rio principal é o Ribeirão do Funil, localizado entre a Serra de Ouro Preto e as montanhas do Pico Itacolomi; sua nascente está na proximidade do local Venda Nova, no seu percurso toma os nomes de Ribeirão do Carmo e Rio do Carmo, deságua no Rio Piranga.

A formação social, econômica, política e físico-espacial da cidade de Ouro Preto passa por três períodos: colonial, imperial e republicano.

PERÍODO COLONIAL ORGANIZAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA

Para a administração do Brasil, no período colonial, Portugal cria as capitânias. Ao governador e capitão-general da Capitania, nomeado pelo rei, com mandato de 4 anos, compete governar as armas, e presidir as juntas da Justiça e da Fazenda com inspeção sobre o estado político, de acordo com regimentos aprovados pelo rei. Mais tarde, novas juntas são criadas, por exemplo para sentenciar penas aplicáveis a bastardos, carijós, mulatos e negros. Em última instância vetando resoluções, corrigindo-as, impondo-as, às vezes, completavam o aparelho judiciário e administrativo a Casa da Suplicação, o Conselho Ultramarino e as Relações (VASCONCELLOS, 1977: 23).

A economia nos séculos XVIII e XIX estava representada principalmente pela mineração e a agricultura, tendo a participação marcante da população cativa e não se restringindo aos homens livres. Não se tinha uma economia sólida e estável, contínua, capaz de proporcionar construções mais requintadas, principalmente no setor residencial.

A população que se estabelece nas áreas de produção aurífera estava constituída por aventureiros de ânimo forte e de ambição maior. "*Chegam homens das mais diversas procedências e raças: paulistas afeitos a vida rude, experimentados no sertão e na caça do índio, brasileiros do norte, boiadeiros, vadios do litoral, ciganos, judeus e cristãos*" (VASCONCELLOS, 1977: 33). Além disto, são trazidos à força os negros.

"*A princípio, nos arraiais, não há classes e o povo se reúne em torno de suas capelas provisórias, eretas por irmandade única*" (VASCONCELLOS, 1977: 44). Com o crescimento dos povoados e com a formação da vila, a sociedade se estratifica por classes sociais perfeitamente definidas e consolidadas: portugueses funcionários da Coroa, comerciantes, religiosos, negros libertos, escravos, etc. (FERNANDES, 1997). É importante ressaltar que as sociedades religiosas leigas, com auxílio da Coroa, responsabilizam-se pelas igrejas, polarizando também as classes sociais que se diferenciam pelas suas condições econômicas e sociais. Assim, os grupos sociais são reunidos em ordens terceiras, irmandades e confrarias. "*Algumas afastam-se do convívio comum, reunindo-se, as mais ínfimas, em suas irmandades e confrarias e, as mais elevadas, em ordens terceiras que, com seus templos próprios, contribuem para o*

descaminho dos recursos econômicos que sustentavam as matrizes" (VASCONCELLOS, 1977: 45). Pelo tombamento de 1734, são anotadas em Vila Rica, entre o Passa-Dez e o Padre Faria 538 casas ou sejam, 4304 habitantes livres, sem considerar os escravos (VASCONCELLOS, 1977: 33). Em 1737, a vila contava com 21.400 escravos. Na fase de consolidação urbana (1730-1765) da Vila Rica, a população urbana foi de aproximadamente 25.000 habitantes. É importante ressaltar que o declínio da atividade mineira ocasiona o decréscimo da população, dado o estado de miséria em que se vive, assim, em 1804 a população urbana era de 8.990 habitantes, sendo 4.504 mulheres e 4.486 homens (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1974: 21) e 2.8933 escravos.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Segundo estudos da Fundação João Pinheiro (1974), a evolução do espaço urbano da cidade de Ouro Preto, entre 1698 e 1815 passa pelas seguintes fases: de formação, de consolidação e do primeiro declínio. Consideramos estas fases como do período colonial pelo tempo em que acontecem.

A fase de formação compreende o período entre 1698 e 1730. Dentre as várias entradas e bandeiras que se organizam, principalmente em São Paulo, destaca-se a de Fernão Dias Pais (1674) que, com extraordinária audácia e persistência, desbrava e assinala os sítios e roteiros mais importantes da região, fundando seus primeiros arraiais e descortinando-a, assim, aos seus patrícios e ao rei.

A formação de Ouro Preto se deve aos Bandeirantes que partiam do litoral à procura do ouro, após atravessarem os Campos (Congonhas, Itabira e Cachoeira do Campo), atingem o Mato Dentro (Santa Bárbara, Catas Altas e Conceição), buscando o interior. Assim, Thomás Lopes de Camargo, Francisco Bueno da Silva e Antônio Dias, acompanhados do Padre Faria se deslocam ao interior, estabelecendo-se nas margens de diversos ribeirões da Serra de Ouro Preto (assim chamada pela cor escura das rochas auríferas que ali são encontradas). Por volta de 1698, fundam o arraial que lhe toma o nome, origem de Vila Rica. As primeiras ocupações na serra se realizam de forma espontânea e em núcleos diversos, localizados junto aos morros de maior ocorrência aurífera. Os povoados se organizam em torno de suas capelas provisórias.

Os núcleos definidos são: Arraial dos Paulistas, Antônio Dias, Pilar, Padre Faria, Cruz das Almas, Cabeças, São Sebastião, São João, Santa Ana, Piedade (Queimada), Barra e Caquende (Rosário). O zoneamento destes núcleos apresenta pouca diferença com os de hoje. As primeiras construções de madeira e sapé foram construídas em torno das capelas, de forma provisória, delineando caminhos, que darão origem aos logradouros públicos da vila por surgir.

No final do século XVIII, delinea-se o **caminho tronco** que vem unir os diversos núcleos. "Este caminho penetra na área pelo Passa-Dez, subindo para as Cabeças, de onde desce para o fundo do vale do povoado de Ouro Preto, até a Matriz do Pilar. A partir daí, endireita para o povoado de Antônio Dias, galgando o morro de Santa Quitéria (atual Praça Tiradentes), e descendo-o em seguida, em direção a Matriz da Conceição de Antônio Dias, de onde sobe novamente em direção ao Alto da Cruz das Almas (hoje Santa Efigênia). Desce, então, para o Arraial do Padre Faria, de onde sai para a Vila do Carmo (Mariana)" (Fundação João Pinheiro, 1974, p.10). Atualmente a área que abrange o caminho tronco configura o Centro Histórico de Ouro Preto. Também a vila se achava dividida, segundo a jurisdição religiosa, em duas freguesias: Ouro Preto (Matriz do Pilar) e Antônio Dias (Matriz de Nossa Senhora da Conceição)

O governador Antônio de Albuquerque, em 8 de abril de 1711, funda a Vila de Carmo, nela instalando a capital da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. Nas vilas a administração é exercida pelo Senado da Câmara, com atribuições legislativas, executivas e judiciárias (Vasconcellos, 1977, p.23).

Em 8 de julho de 1811, o Governador Antônio de Albuquerque criou juridicamente a Vila Rica de Albuquerque de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. A partir das decisões governamentais surge um esboço de zoneamento urbano e a tentativa de acelerar o processo de urbanização. Devido ao desenvolvimento da vila, por solicitação dos vereadores ao rei, em 1714, a Vila é elevada à categoria de cidade, concedendo-lhe os mesmos privilégios de que gozam os cidadãos de São Paulo (Vasconcellos, 1977, p.31)

Em relação aos usos do solo, a vila abriga as funções: residencial, culto e as funções comercial e de serviços de importância regional.

A fase de consolidação compreende o período entre 1730 e 1765. Esta fase caracteriza-se pelo início do declínio do ouro marcado pelo período final da extração aluvional e pela principal fase de consolidação do tecido urbano.

O crescimento centrípeto se consolida com a implantação do centro administrativo na Praça do Morro de Santa Quitéria. Para tal, são construídas a Casa da Câmara e Cadeia (atual Museu da Inconfidência) e o Palácio dos Governadores (hoje Escola de Minas). A partir destas construções se inicia o crescimento urbano centrífugo, originando novos caminhos por serventias de passagem, travessas, vielas e becos, que se ramificam do caminho tronco.

O rol de aforamentos de 1737, ainda que falho e incompleto, indicava *"a presença de 249 edificações na freguesia de Ouro Preto e 214 edificações em Antônio Dias. Este total de 563 edificações somadas aos vários lotes ou "chãos" também registrados, dá uma idéia do crescimento por que passou a vila nos seus primeiros 25 anos"* (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1974: 20).

Durante o governo de Gomes Freire de Andrade, devido ao crescimento urbano, foi necessário a construção de pontes e chafarizes, assim como foram realizados os trabalhos de calçamentos e a execução de paredões ou cortinas de arrimo, para conter os desmoronamentos.

Poucas eram as residências que dispunham de instalações de água corrente, dependendo de sua localização algumas casas eram servidas por água nascente em seus próprios quintais. Porém, o meio comum de abastecimento de água era através dos chafarizes públicos, existentes em pontos-chaves da localidade (VASCONCELLOS, 1977: 79).

É importante ressaltar que nesse período o centro comercial principal se desloca para o oeste e em volta da Praça Tiradentes se localizam o comércio principal e as residências das classes altas, e as residências das classes de menor renda se localizam nas zonas periféricas com pequenos núcleos de comércio.

A fase do primeiro declínio (1765-1815) se caracteriza pelo declínio da produção aurífera que se manifesta nos fins do século XVIII e pelo processo de valorização e enriquecimento do espaço urbano. Apesar da queda da produção aurífera, e devido à ação das Irmandades religiosas, a riqueza acumulada nos períodos anteriores permitiu a construção de importantes obras no campo da arquitetura religiosa e das artes plásticas; ressaltam as obras de grandes artistas como Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, Manuel da Costa Ataíde, Manuel Francisco Araújo, João Nepomuceno Costa e Castro e Antônio Fernandes Rodrigues.

Em 1804, Vila Rica ainda se encontrava em fase de declínio e de estagnação econômica. Apesar deste declínio, a atividade mineira continuou sendo a base econômica. Supõe-se uma redução da população; assim em 1804, "*se observa uma população feminina superior à masculina (4.504 mulheres e 4.486 homens)*" (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1974: 21). Além disto, no mesmo ano se tem 2.893 escravos frente a 21.400 escravos encontrados em 1737. Isto implica uma grande queda da mão de obra e do poder aquisitivo da população, reduzido a níveis próximos da miséria.

Em relação à legislação, a Coroa traçava as normas reguladoras da arquitetura e do urbanismo. As ordenações do Reino legislavam sobre que se podia fazer ou não fazer das construções particulares, compondo, assim, o Código de Obras da época.

Também, a Coroa mandava, em 1761 a José Pereira Caldas, Governador do Piauí, que as casas fossem "*sempre fabricadas na mesma figura uniforme, pela parte exterior, ainda que na outra parte interior as faça cada um conforme lhe parecer, para que desta sorte se conserve a mesma formosura nas vilas, e nas ruas delas a mesma largura, que se lhe assinar nas fundações*" (VASCONCELLOS, 1977: 88). Do Código de Obras resultou que as casas em conjunto formassem uma unidade harmônica.

O barroco em Ouro Preto se manifesta principalmente na arquitetura religiosa e de forma mais simples na arquitetura residencial.

ARQUITETURA

A importância do barroco em Ouro Preto se deve à grande concentração deste estilo, expressa na arquitetura religiosa, oficial e civil. Esta importância foi-lhe reconhecida pela UNESCO, em 1980, quando Ouro Preto foi reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Para compreender melhor o barroco no Brasil, devemos abordar o barroco em Portugal. "*O barroco português vive dentro dos edifícios, na talha dourada e na azulejaria. A talha dourada subverte os interiores dos templos, tantas vezes singelos na sua planta de dominante linear (e, por isso mesmo, estáticos) conferindo-lhes, afinal, animação espacial e riqueza lumínica...A azulejaria, por sua vez, torna transparentes e profundos os panos de paredes através de um efeito ilusionista de trompelóeil e de relevo perspectivado*" (PEREIRA, 1997: 161). Também se manifesta na decoração dos tetos. Os edifícios fazem jogo entre o interior e o exterior, em que um dos termos esconde o outro: eis então a transformação do espaço e da estrutura deixando-se cativar pela forma, num jogo de antinomias entre a essência e a aparência que se resolve na sua própria contradição.

O estilo barroco, criado na Itália, abrange a Europa como um todo, passa a América e aqui começa a transformar-se, até que se americaniza. Segundo MANRIQUE (1997: 174), em sua transformação intervêm dois fatores capitais: a paisagem americana, com sua flora e sua fauna, e o índio, que introduz vocábulos de sua própria linguagem até fazer outro idioma artístico. VASCONCELLOS (1997: 352) considera que existem outras premissas básicas como: a existência ou não existência de uma civilização pré-cabralina ou pré-colombiana, a economia, a existência ou não existência de artistas, artesãos ou oficiais; e as condições do meio. Ainda, podemos incluir outros elementos de análise: a estrutura social, o código de obras, o programa e as técnicas construtivas.

O urbanismo barroco em Ouro Preto se expressa através do conjunto das residências, construídas de forma homogênea e escalonada contínua as ladeiras, a cujos acidentes se amoldam em ritmo perfeito, conformando um acentuado movimento próprio do barroco.

Em geral as fachadas adotam vãos que seguem a composição de eixos verticais, resultando uma simetria na composição dos vãos. *"A harmonia do conjunto se acentua ainda na correspondência dos vãos, abrindo-se os superiores exatamente sobre os inferiores, ou distribuindo-se todos eles segundo eixos verticais simétricos, cheios sobre vazios ou vice-versa, regra só excepcionalmente desprezada, em geral, por imposição de alterações procedidas nas fachadas"* (VASCONCELLOS, 1977: 186). Além disto, o barroco se manifesta nas construções através da utilização de elementos na decoração das fachadas, o uso das vergas curvas nas janelas e portas.

A tendência vertical, condicionada pelos sobrados, continua porém a evidenciar-se, rasgando-se então as janelas até o piso, protegidas por parapeitos torneados, a princípio bojudos, freqüentemente com duplos paus de peito e suportados por bacias que se estruturam sobre os barrotes, prolongados, do soalho ou se constituem em soleiras sacadas de pedra.

Outro elemento utilizado na fachada é o balcão com balanço, coberto por prolongamento do telhado principal. Os guardacorpos de madeira são substituídos pelas grades de ferro (segunda metade do século XVIII). Em geral, as cimalthas de variados perfis são de grandes balanços, adotando perfis cujas arestas, faixas e filetes, acentuando em luz e sombra, amenizam a verticalidade das fachadas. Cornijas também protegem as vergas, retas ou curvas, com largos lacrimais, cuja luminosidade contrasta com as sombras de seus salientes balanços, ou emoldurados em ligeiros perfis, sobrepostas, superpostas ou fazendo corpo com lintéis, em madeira ou cantaria.

Somente após a primeira década do século XVIII começam a ser edificadas igrejas definitivas.

Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias- a construção da atual matriz se iniciou em 1727, projeto atribuído a Manoel Francisco Lisboa. Nela foi enterrado Aleijadinho (1853) (FERNANDES, 1997).

Matriz de Nossa Senhora do Pilar - a construção da nova igreja foi iniciada por volta de 1728. Sua planta é atribuída ao Sargento-mór e engenheiro Pedro Gomes Chave, sendo a irmandade do Santíssimo Sacramento a administradora da obra (FERNANDES, 1997).

Igreja de Nossa Senhora do Carmo - a obra tem início em 1756, sendo concluída a parte arquitetônica em 1780, o projeto é de autoria de Manoel Francisco Lisboa. Dos seis altares laterais, dois são executados por Aleijadinho e seus oficiais, os restantes e os púlpitos foram executados por seu discípulo Justino Ferreira de Andrade. A igreja possui duas torres, frontão simples, terminando superiormente por cruz sobre pedestal de pedra, ladeada de duas estrelas. A planta da igreja é curva na parte da frente.

Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Misericórdia- a construção iniciou-se em 1772, sua fachada com torre única central, caracteriza-se como tipo evoluído das capelas com estrutura de esteio de madeira. Possui risco de Manuel Francisco de Araújo.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário - por volta de 1784 se realizou a construção da nova igreja, sendo o projeto de Antônio Pereira de Souza Calheiro, a autoria da fachada é atribuída a Manuel Francisco de Araújo, inspirada na igreja de São Francisco, as torres da igreja são arredondadas, recuadas, de tal forma que toda a igreja, exceto a parte de trás, está baseada no tema circular. A obra arquitetônica da igreja é a mais alta expressão do ciclo barroco em Minas Gerais, a planta

revolucionária é formada por dois corpos edificadas ovais, encaixados um no outro em forma de oito, com corredores na capela-mor e uma sacristia quadrangular na extremidade.

Igreja de Santa Efigênia - a atual igreja foi iniciada por volta de 1733 e concluída em 1785. Vários nomes aparecem ligados à construção da igreja, entre eles está Manuel Francisco Lisboa. Na parte central da fachada está o nicho que abriga a estátua de Nossa Senhora do Rosário e o relógio de pedra, que constituem o motivo principal da ornamentação. Os laterais são em número de quatro.

Igreja de São Francisco de Assis - o projeto é de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, a obra teve início em 1766. É considerada como a obra prima da arte colonial brasileira; a construção foi realizada em sua maioria em pedra e cal, para os relevos e esculturas foi utilizada a pedra sabão. No projeto se utiliza a curva e contra-curva, que afetam sobretudo a nave e a fachada. Esta rompe com todos os hábitos da província mineira e da arte luso-brasileira, e introduz um tipo completamente novo. A portada é considerada a obra prima do Aleijadinho.

Capela de Bom Jesus das Flores- a obra foi iniciada em 1778, a construção de taipa e madeira foram substituídas por alvenaria de pedra. A fachada simples, possui capela-mor, nave e sacristia, com frontispício que inclui duas sineiras sobre os cunhais da janela do coro.

Casa dos Contos- a casa foi projetada e construída por José Pereira Arouca, entre 1782 e 1784 (Fernandes, 1997). A fachada principal apresenta cunhais em cantaria e cimalha, sob esta, na parte superior estão nove sacadas guarnecidas por grades de ferro, com cimalha em moldura, sendo de maior balanço a central. Na parte inferior da fachada, uma porta guarnecida de pedra de cantaria corresponde a cada sacada. Entre 1784 e 1789 João Rodrigues de Macedo residiu e trabalhou na Casa, gerindo a arrecadação de impostos na Capitania de Minas Gerais, período áureo, palco de intensas atividades financeiras, sociais e políticas. Quando em 1789 se inicia em Vila Rica o movimento liderado por intelectuais, a Inconfidência Mineira, que pretendia a separação da Capitania de Minas Gerais de Portugal, a casa foi utilizada como quartel das tropas do Vice-rei trazidas para reprimir o movimento e como prisão nobre para os inconfidentes.

Teatro Municipal - de propriedade do contratador dos reais quintos e entradas Coronel João de Sousa Lisboa. A cobertura do teatro foi concluída em 1769 e em 1770 foi aberta ao público. O teatro apresenta uma fachada simples, possui platéia, palco, bastidores e camarotes em todo seu prolongamento. Foi o primeiro teatro brasileiro a apresentar mulheres intérpretes, quando os papéis femininos eram interpretados por homens ou travestis. É considerado como o mais antigo da América do Sul.

Casa de Câmara e Cadeia- a construção teve início em 1784, durante o governo de Luiz da Cunha Menezes, sendo mestre de obras Manoel Francisco de Araújo e foi finalizada em 1896. A arquitetura monumental da Casa de Câmara e Cadeia é um belo exemplar da arquitetura militar. A fachada de forma retangular é contornada por uma balaustrada em pedra sabão. Nos quatro cantos da platibanda se elevam as figuras em pedra sabão, representando as quatro virtudes cardeais: a Prudência, a Fortaleza, a Justiça e a Esperança (FERNANDES, 1997). A construção em alvenaria de pedra é revestida de cantaria de Itacolomi. No piso térreo abrigava as enxovias, separadas para brancos, pretos e galés, o açougue e a capela. No segundo piso ficava a casa da audiência, casa de câmara, secretaria, sala, hospital, oratório, casa do carcereiro e a prisão das mulheres (CARRAZZONI, Maria E., 1980: 179). A Casa da Câmara abrigava os serviços administrativos, penitenciários e religiosos. Ali funcionou como prédio administrativo e militar até 1862, quando foi transferida para outro edifício, funcionando apenas como cadeia. Em 1907 a cadeia foi convertida em penitenciária, retirando-se em 1937 para abrigar o Museu da Inconfidência.

Palácio dos Governadores - Localizada na Praça Tiradentes, atual Escola de Minas. O Palácio dos Governadores foi construído entre 1740 e 1750, no mesmo local da antiga Casa de Fundação. O projeto corresponde a José Fernandes Pinto Alpoim tendo como mestre-de-obras Manoel Francisco Lisboa. Abrigou ao Conde de Bobadela, posteriormente a todos os Governadores da Capitania, aos presidentes da Província Imperial e aos presidentes republicanos até 1898, quando a capital foi transferida para Belo Horizonte. Inicialmente o edifício era composto de um quadrado, tendo nas quinas terraços com caminhos de vigias e outros complementos militares, posteriormente sofreu acréscimos quando foi adaptada para a Escola de Minas e Metalurgia.

PERÍODO IMPERIAL ORGANIZAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA

O período imperial começa em 1822, com a transferência da Família Real Portuguesa e termina com a proclamação da república em 1890.

Ainda continuam as condições de vida econômica-social e o trabalho escravo, do período colonial. A base econômica é a agricultura de exportação, com o desenvolvimento da cultura do café (VASCONCELLOS, 1977: 114). O café é a base de sua riqueza no fim do século e nas primeiras décadas do atual. Esta fase está caracterizada pela estagnação econômica.

Através das exportações crescentes do café, a integração do país no mercado mundial, conseguida com a abertura dos portos, possibilitaria a generalização do uso de equipamentos importados, que libertariam os construtores das técnicas tradicionais. Além disto, a modernização do transporte, a implantação das linhas férreas, ligando o interior com o litoral e de linhas de navegação nos grandes rios interiores; os quais possibilitariam o uso de máquinas a vapor, serrarias, materiais para a construção e o acabamento das edificações, etc. Por outro lado, com a decadência do trabalho escravo e com o início da imigração européia, desenvolveu-se o trabalho remunerado e aperfeiçoaram-se as técnicas construtivas.

As condições gerais da economia, a supressão do tráfico de escravos (1850) e a abolição final da escravatura em 1888, o estabelecimento de tarifas alfandegárias capazes de favorecer a produção local, parecem as primeiras atividades empresariais brasileiras. Então, estabelecem-se os primeiros bancos, indústrias e ferrovias. Surgem os primeiros empresários brasileiros, a camada de trabalhadores urbanos em substituição ao trabalho dos escravos. Por outro lado, a abolição da escravatura iria intensificar o êxodo rural, que adensaria as cidades em busca de oportunidades de trabalho nas indústrias, no comércio e no funcionalismo público; nasceria então uma nova relação patrão-empregado, em substituição à relação patrão-escravo. Por sua vez, as cidades não iriam absorver na sua totalidade a mão de obra imigrante e os problemas habitacionais decorrentes dessa pressão populacional iriam criar as favelas, os cortiços.

Só a 20 de março de 1825, com as demais capitais de províncias, título que mantém até 1897, é Vila Rica elevada por Dom Pedro I a "*Imperial cidade de Ouro Preto*" (VASCONCELLOS, 1977: 32). A cidade como Capital da Província de Minas Gerais se torna importante centro administrativo, de comércio e de serviços a nível regional. O avanço dos transportes no Brasil se faz sentir também em Ouro Preto, com a construção da estação em 1888 e a inauguração do ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1889.

Também neste período se observa um pequeno aumento da população; assim, em 1818, a cidade tinha 12.000 habitantes; em 1878, a população urbana era de 13.567 habitantes e em 1890 tinha 17.860 habitantes (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1974: 21)

Organização do Espaço Urbano

No período Imperial, a organização do espaço urbano passa por uma fase de estagnação (1815-1900). Com a condição de capital da Província de Minas Gerais, a cidade de Ouro Preto tem um período de estagnação, a população aumenta para 12.000, em 1818. Isto ocasiona uma lenta expansão urbana que não veio modificar consideravelmente a área urbana. É importante ressaltar que neste período se constróem obras públicas importantes como o Palácio do Governo, a Casa dos Contos, o Teatro, a Biblioteca, Escola Normal de Agricultura, Colégio, duas escolas de primeiras letras, que concedem à cidade o status de importante centro urbano de serviços regionais.

Por outro lado, no centro da cidade se constróem "*sobrados envidraçados de boa construção, e apenas na periferia as residências se apresentavam baixas, acanhadas e quase sempre de madeira. Encontram-se, em 1864, as primeiras referências a um sistema de abastecimento de água em casas particulares e fontes públicas*" (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1974: 21).

A transferência da capital para a nova cidade de Belo Horizonte, em 1897, provocou uma vez mais um período de declínio e esvaziamento.

PERÍODO REPUBLICANO ORGANIZAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA

A abolição dos escravos e a instalação da República em 1891. O período que se inicia por volta de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, e que nos traz até 1960, com o plano de Brasília, compreende a fase de mais intensa industrialização e urbanização da história do país. Porém, sucedem-se avanços econômicos e tecnológicos, acompanhados de transformações sociais. A indústria nacional aos poucos irá substituir os materiais importados por produtos nacionais, cada vez mais perfeitos. Estas mudanças se refletiriam na arquitetura, uma vez que se utilizaria materiais industriais padronizados.

A cidade de Ouro Preto, no período republicano, assume a função de importante centro acadêmico, educacional, de turismo e industrial.

Com o reconhecimento da cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1980 e em 1938, o IPHAN reconhece a cidade como Patrimônio Nacional, a cidade passa a ser importante centro de turismo ao nível internacional, nacional e regional.

Entretanto, apesar da cidade ser um importante centro regional, tem um esvaziamento da população; assim, em 1920, a cidade tinha 11.685 habitantes. Este esvaziamento foi ocasionado pela transferência da capital de Minas Gerais para a nova cidade de Belo Horizonte. Esta fase é caracterizada como a do segundo declínio.

Posteriormente, em 1950, com a implantação do complexo industrial de Saramenha, Ouro Preto tem um crescimento econômico, que corresponde à fase de recuperação. Paralelamente ao desenvolvimento industrial, a atividade do turismo ocupa uma importante parcela da mão de obra, ocupada na elaboração do artesanato e na prestação de equipamentos para o turismo (bares, restaurantes, hotéis), também o setor educacional contribui com a economia da cidade, através da migração temporal de estudantes da região e de outros Estados do país.

Nessa fase, tem início o crescimento populacional ocasionado pela migração; assim, em 1950, a população urbana é de 8.751, em 1960 de 14.722 e em 1970 de 25.252 habitantes. Este crescimento populacional é ocasionado pela instalação da indústria, dos cursos superiores e do turismo.

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

No Período Republicano, a organização do espaço urbano compreende as seguintes fases: segundo declínio e recuperação.

Na fase do segundo declínio (1900-1945), a cidade de Ouro Preto assume a função de importante centro acadêmico e educacional como consequência do estabelecimento da Escola de Farmácia, o curso de Odontologia do Instituto Profissional Domingos Freire, a Escola de Minas e Metalurgia e o Ginásio de Ouro Preto.

Por outro lado, a presença do correio de primeira classe, a construção da estação e a inauguração do ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil incentivam a expansão da cidade na direção do rio do Funil que mais tarde iria a ocupar a encosta do Morro do Cruzeiro, ultrapassando os trilhos de estrada de ferro. Ainda neste período as ruas e praças estavam iluminadas a querosene.

Por volta de 1934, ocorre a implantação em Saramenha, da Eletro-Química Brasileira S/A e em 1937 é instalada nesta empresa uma fábrica-piloto de hidrato de alumínio, dando origem à ALCAN- Alumínio do Brasil S/A. Porém, por falta de energia elétrica e as dificuldades de, mercado, seu desenvolvimento é lento.

Com o funcionamento da fábrica de alumina, em 1944, se inicia a fase de recuperação (1945 até os dias de hoje). A evolução do complexo industrial de Saramenha dá origem ao crescimento da população de base migratória repercutindo na organização do espaço urbano. Assim, Saramenha torna-se um bairro de funções específicas com um núcleo de serviços próprio. A cidade se expande, ocupando o Morro do Cruzeiro, Morro da Queimada, Padre Faria, Santa Efigênia, São José, Cabeças e, com a abertura da rodovia MG-56, em Água Limpa e Veloso.

Por outro lado, o baixo poder aquisitivo dos migrantes acarretou a construção de residências de baixo padrão, às vezes clandestinas.

O reconhecimento da cidade como Monumento Nacional, em 1938 e como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1980, fazem com que a

atividade turística influencia nos usos do solo, conseqüentemente o centro histórico de Ouro Preto concentra equipamentos para o turismo como: hotéis, bares, restaurantes, lojas de artesanato, etc.; originando o acréscimo do uso do solo para as atividades terciárias da economia e o decrescente uso residencial.

REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Apesar de a cidade de Ouro Preto ser Patrimônio Cultural da Humanidade e Patrimônio Nacional, não existem estudos enfocando a caracterização dos moradores e nem mesmo a percepção do seu espaço urbano. Os estudos realizados sobre a cidade de Ouro Preto têm enfocando aspectos relacionados com a história, a arquitetura barroca, o plano de conservação e revalorização, com o patrimônio cultural, entre outros.

Portanto, o objetivo da pesquisa no campo é de conhecer as características sócio-econômicas e a percepção dos moradores em relação ao centro histórico, isto é, suas necessidades, valores, julgamentos, expectativas, motivações a fim de propor a revitalização do centro Histórico, conseqüentemente da preservação dos edifícios e da melhoria da qualidade de vida dos usuários.

ÁREA DA PESQUISA

A área escolhida para a pesquisa foi a "*Zona de Proteção Especial do Centro Histórico de Ouro Preto*". Esta área corresponde ao eixo tronco de preservação, que corta a cidade de Ouro Preto no sentido leste-oeste. Começa no Bairro da Piedade, passa pela região central, onde está a Praça Tiradentes, e vai até a rua Alvarenga, no Bairro das Cabeças. Nesta área, encontram-se edificações representativas principalmente do período colonial como a Casa dos Contos, o Teatro, a Casa dos Governadores, a Casa da Câmara e Cadeia, as Igrejas: São Francisco.

INSTRUMENTOS DE MEDIDA

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário. O questionário consta de duas partes: a primeira refere-se aos dados sócio-econômicos dos entrevistados e de suas famílias: idade, sexo, naturalidade, grau de escolaridade e renda. A segunda parte se constitui de questões abertas referentes à percepção que o entrevistado tem em relação ao Centro Histórico.

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada pelos alunos da Disciplina Técnicas Retrospectivas do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESP, nos dias 6 e 7 de maio de 1999, durante a visita a Ouro Preto. Os questionários foram aplicados diretamente aos moradores e foram preenchidos no momento e no local da entrevista, sendo aplicados durante o dia, em horários variados, durando em média quarenta minutos.

SUJEITOS E FAMÍLIAS

Foram entrevistados 116 moradores de ambos os sexos com idade superior a 18 anos. Este número foi considerado suficiente para alcançar os objetivos propostos na pesquisa.

CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS

Em relação aos dados referentes aos moradores, a faixa etária está caracterizada por que 62,8% estão na faixa de 19 a 65 anos, 20,2% têm mais de 60 anos e 17% tem entre 0 a 18 anos. Conclui-se que o Centro Histórico de Ouro Preto tem uma população jovem, reflexo do grande número de estudantes universitários que vivem no centro, jovens que trabalham e as famílias com crianças pequenas preferem morar fora do centro em áreas urbanas mais tranquilas.

Em relação ao sexo, 54,2% são homens e 45,8% são mulheres. Quanto a naturalidade dos moradores, principalmente, 38,0% nasceram em Ouro Preto, 23% em outras cidades do Estado de Minas Gerais e 19% em outros Estados do país. A maioria dos moradores é da própria cidade. Existe uma grande porcentagem de pessoas do Estado que procuram Ouro Preto para estudar, principalmente os cursos superiores, ou trabalhar.

O grau de escolaridade dos moradores está caracterizado da seguinte maneira: 33,1% possuem ou estão cursando o ensino superior, 29,6% o primário e 24,9% o secundário e 12,4% o ensino médio. O alto número de pessoas com nível superior é devido ao grande número de estudantes universitários que moram nas repúblicas do centro. Também o número de pessoas com nível primário é significativo, mostram bem o grau de escolaridade da população brasileira, a maioria apenas tem o primário; com isto não conseguem uma boa colocação no mercado de trabalho, ganhando salários baixos. O nível secundário está começando a ser mais procurado pelas pessoas para obter uma maior qualificação (cursos técnicos) devido ao concorrido mercado de trabalho.

A renda familiar foi considerada em função do salário mínimo (em 10/1999, o salário mínimo era de R\$ 136,00 reais). Por esse critério, principalmente: 20% entre 2 a 4 salários mínimos, 19% recebem entre 5 a 10 salários mínimos e 14,3% entre 11 a 20 salários mínimos. Não foi encontrada nenhuma família com renda inferior a um

salário mínimo. Os dados indicam que o centro histórico é habitado, em sua maioria, pela classe média.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas foram analisadas quantitativa e qualitativamente. Selecionamos as respostas de maior frequência por que elas representariam mais significativamente a situação real.

DE QUE VOCÊ LEMBRA QUANDO OUVES A PALAVRA OURO PRETO?

A cidade é objeto de percepção para as pessoas dos mais diversos grupos sociais. A percepção é consequência de um processo em que as características sociais, econômicas e culturais do indivíduo, ou do grupo social influenciam a avaliação da cidade. A imagem tem um significado para o observador, seja prática, seja emocional. A imagem de Ouro Preto está marcada pela história, o ciclo de ouro e o patrimônio arquitetônico. Assim, a maioria dos entrevistados (35,9%) respondeu que lembra a cidade histórica, 17,1% a imagem do patrimônio e o conjunto arquitetônico, 12,8% o ciclo de ouro e a mineração, 11,9% a cidade natal e moradia, 6,0% as igrejas e o turismo, 2,5% cidade tranquila, 1,7%, casarões, praça Tiradentes e paisagem natural cada.

Ouro Preto é a "*cidade histórica*" (artesão, 48 anos, mora na cidade desde sempre), "*cidade onde os inconfidentes se movimentaram para libertar o Brasil*" (aposentado, 81 anos, mora na cidade desde sempre), "*lembra a escravidão*" (estudante, 18 anos, mora desde sempre). Assim, o valor histórico é o mais importante para os moradores, isto devido a que a cidade de Ouro Preto foi a capital de Minas Gerais e importante centro de comércio, dos serviços e da administração no período colonial.

O conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do Centro Histórico de Ouro Preto está caracterizado principalmente pela concentração da arte barroca, sendo reconhecido como: "*Patrimônio Mundial da Humanidade*" (estudante, 21 anos, mora há dois anos). O urbanismo barroco está presente no ritmo de cheios e vazios das fachadas das edificações: "*cidade bela que deveria ser valorizada*" (50 anos, mora há 17 anos).

Também, o valor econômico é representativo porque a economia nos séculos XVII e XIX estava representada principalmente pela mineração que o caracterizava como o ciclo de ouro: Ouro Preto "*lembra da época que a gente era rico, do ciclo de ouro e da mineração*" (64 anos, mora na cidade desde sempre). Atualmente parte da atividade econômica de Ouro Preto está representada pelo complexo industrial de Saramenha.

A cidade natal representa o laço afetivo da pessoa com a sua cidade, a identidade com a cidade: "*lembro dos meus filhos, porque eles nasceram aqui, é minha cidade*" (58 anos, mora desde sempre). A atividade perceptiva diária enriquece continuamente a experiência individual e por meio dela nos apegamos cada vez mais ao lugar. Assim,

para os estudantes forâneos, o lugar pode adquirir profundo significado: Ouro Preto é lembrada como a "*segunda moradia*" (estudante 24 anos, mora há três anos, natural de Abaiti).

A beleza e a harmonia do conjunto expressadas na arquitetura barroca das igrejas. O reconhecimento da cidade como patrimônio faz com que muitos turistas nacionais e internacionais visitem a cidade para conhecê-la: "*força do turismo*" (45 anos, mora há 17 anos).



FOTO 01: Vista panorâmica da cidade.

Os mais críticos, 2,7% associam a desemprego, a contrastes como: sujeira/beleza acima dos olhos, pobreza/riqueza e beleza/feiúra. "*Sujeira nas ruas em contraste com a beleza acima do nível dos olhos*" (funcionária, 23 anos, mora na cidade há dois anos), "*contrastes: pobre/rico*" (comerciante, 32 anos, mora na cidade há dois anos) A pobreza/ riqueza poderia ser atribuída à imponente arquitetura e à decoração interna das igrejas que resplendem em riqueza, enquanto que as residências apresentam uma arquitetura simples e geralmente sem maior decoração das fachadas. À beleza/feiúra poderíamos associar à beleza arquitetônica do conjunto contrastando com o mau estado de conservação de algumas edificações e a degradação ambiental dos córregos.

VOCÊ GOSTA DE MORAR NO CENTRO HISTÓRICO?

Para as pessoas que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição; quanto mais moramos no lugar, mais nos familiarizamos com ela e mais a conhecemos, enquanto que para as pessoas que estão de passagem no lugar a afeição é raramente adquirida.

A grande maioria dos entrevistados, 91,4%, responderam que sim. Dos que gostam de morar no centro alegaram como: lugar bom e agradável, 24,5%, a

afetividade, 15,1%, a proximidade aos equipamentos coletivos, 13,2%, trabalho e estudo, 12,3%, a beleza, 10,4%, casa própria, 9,4%, tranquilidade, 8,5%, e turismo, 6,6%.

As respostas negativas (8,6%) alegam a bagunça, o barulho, a antiguidade, a preferência por morar em zonas tranquilas. Estes fatores estão distanciando os moradores do centro histórico, que preferem a tranquilidade nos bairros residenciais.

QUE LUGARES LHE AGRADAM NA CIDADE. POR QUÊ?

É o homem quem percebe e vivência os espaços, atribuindo a eles significados e valores. O espaço em contato com o homem assume muitos significados e transforma-se em "*lugar*". Assim, os lugares mais indicados são: a praça Tiradentes, 33,8%, o centro, 23,2%, todas as igrejas, 14,3%, a paisagem natural, 8,0%, a residência, 4,5%, o mirante, a Rua Direita, Rua São José e o Museu dos Inconfidentes, 2,7% cada, o Teatro, a Igreja do Pilar e a Igreja Santa Efigênia, 1,8% cada.

A localização, o aconchego da praça Tiradentes, fizeram dela o lugar preferido dos moradores e não somente deles como dos turistas, sendo o lugar de encontro, de passeio, de lazer, de compras: "*praça Tiradentes, lugar mais movimentado da cidade*" (comerciante, 45 anos, mora desde sempre). Nesta praça estão localizados: o Museu dos Inconfidentes, a Escola de Minas e Metalurgia, o Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), alguns restaurantes importantes, o comércio de artesanato.



FOTO 02: Praça Tiradentes, ao fundo a Escola de Minas e Metalurgia.

A harmonia do conjunto urbano, a beleza da arquitetura, os espaços livres públicos, o espaço do trabalho, do turismo, da moradia e do lazer, fazem com que o centro se torne o lugar preferido dos moradores: "*tem movimento de gente diferente*" (38 anos, mora há 20 anos).

As pessoas freqüentam as igrejas para o culto ecumênico, as orações, o encontro consigo mesmos, pela tranqüilidade, assim estes espaços religiosos se tornam o lugar preferido de muitos moradores: "*a igreja porque é a casa de Deus*" (58 anos, mora desde sempre), a Igreja do Pilar, "*são verdadeiras obras de arte*" (71 anos, mora desde sempre). A Igreja mais citada foi a Matriz de Nossa Senhora do Pilar.



FOTO 03: Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

A paisagem natural caracterizada pelas trilhas, cachoeiras, serras, rios, também é o lugar de passeio, do lazer: "*as cachoeiras, pois vou para admirar a natureza*" (45 anos, mora há 38 anos), "*Pico Itacolomi, marco de referência dos bandeirantes*" (24 anos, mora há 20 anos).

A casa é o espaço com o qual mais nos relacionamos, quanto mais tempo passamos nela maior é nossa afeição por ela: "*minha casa porque é sagrado para mim*" (artista, 66 anos, mora há 30 anos), "*minha casa por que tem sossego*" (60 anos, mora desde sempre).

O mirante é outro lugar preferido dos usuários, é o ponto de encontro, de passeio: "*dá para ver a cidade inteira*" (26 anos, mora desde sempre). A Rua Direita é o lugar preferido dos estudantes e dos turistas: "*ponto de encontro com os meus amigos*" (estudante, 21 anos, mora há um ano).

Dos entrevistados, 3,4% não gostam do centro histórico: "*cidade pacata*" (32 anos, mora há dois anos).

QUE ELEMENTOS HISTÓRICOS SÃO IMPORTANTES?

Os entrevistados identificam principalmente o Museu dos Inconfidentes como o edifício mais importante, 30,6%, todas as igrejas, 24,5%, Escola de Minas, 11,1%, Casa dos Contos, 10,7%, conjunto arquitetônico e Igreja do Pilar, 4,2% cada, Igreja de

São Francisco, Praça Tiradentes, 2,8% cada, casarões e casarios, 1,8% cada, Igreja do Carmo, Faculdade de Farmácia, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o Teatro, 0,9% cada, Igreja Santa Efigênia e o Correio, 0,5% cada.

Os edifícios históricos identificados como os mais importantes correspondem ao período colonial. A antiga Casa da Câmara e Cadeia abrigava as funções administrativas e penitenciárias. Atualmente é o Museu dos Inconfidentes, sua arquitetura esplendorosa constitui um marco para a cidade.



FOTO 04: Antiga Casa da Câmara e Cadeia, hoje Museu dos Inconfidentes

O conjunto arquitetônico está caracterizado pela arte barroca. Assim, as igrejas são belos exemplares desta arte. A Igreja São Francisco considerada obra prima da arte colonial é obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Sua magnífica arquitetura se impõe na paisagem urbana da cidade. A Matriz de Nossa Senhora do Pilar, obra do Sargento-mor e engenheiro Pedro Gomes Chave é outro belo exemplar da arquitetura. Também as igrejas estão presentes na história da cidade desde a formação da antiga Vila Rica, hoje cidade de Ouro Preto. Além disto, a riqueza acumulada no ciclo de ouro foi em parte destinada à construção e à decoração interna das igrejas.



FOTO 05: Igreja São Francisco

Outros edifícios importantes foram citados como: as residências de personagens políticos como o Palácio dos Governadores (atual Escola de Minas e Metalurgia) e de cidadãos comuns (casarios). Os casarios em conjunto são um belo exemplar do urbanismo e da arquitetura barroca, construídos de forma homogênea e escalonada, adaptados à topografia, conformam um movimento próprio do barroco.



FOTO 06: Casarios

A Casa dos Contos que abrigava as funções financeiras, sociais e políticas. Outros edifícios não menos importantes são o Teatro, importante centro de expressão das artes, a Escola de Farmácia, entre outros.

VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE CONSERVAR ESSES ELEMENTOS?

Todos os entrevistados responderam que sim, mostrando uma total conscientização das pessoas em relação à importância da preservação dos edifícios e da história da cidade.

COMO DEVERIA SER FEITO PARA CONSERVÁ-LOS?

A conservação, restauração e manutenção, 38,4%, a intervenção e atuação dos governos: federal, estadual e local, 27,9%, conscientização dos moradores e dos turistas, 12,3%, as parcerias com o governo federal, estadual, local, as empresas e os proprietários e o financiamento, 4,9% cada, assessoria de profissionais especializados e a legislação apropriada ao centro histórico, 2,5% cada.

A conservação dos edifícios não depende apenas da conscientização dos moradores, mas principalmente de empréstimos bancários a juros baixos e da isenção

do I.P.T.U. para a manutenção ou a restauração dos imóveis: "*financiamento para restaurar o patrimônio*" (27 anos mora a um ano), "*a prefeitura deveria abrir mão do IPTU dos casarios do centro para que os proprietários conservem e restaurem as casas*" (29 anos, mora há 6 anos).

O poder público em parceria com as empresas privadas, a população organizada, os proprietários e as instituições públicas deveriam formular o plano de preservação e a identificação de projetos estratégicos que visem a preservação deste importante centro e principalmente a preservação da função residencial: "*acordo entre os proprietários, prefeitura, empresas e IPHAN para a conservar as residências*" (80 anos, mora há 50 anos).

Também é importante que os proprietários assumam a conservação dos seus imóveis, evitando a descaracterização ou a demolição dos mesmos para fins comerciais e de serviços, uma vez que este tipo de atuação vem acontecendo cada vez mais: "*conservar sem mudar a cara dos edifícios*" (54 anos, mora há 24 anos).

Por outro lado, é necessária uma legislação específica para o centro histórico que se enquadre no Plano Diretor: "*leis municipais que orientassem os moradores a não destruir a arquitetura local*" (51 anos, mora há 10 anos). A crescente descaracterização, destruição e construção de residências neocoloniais está ocasionando a perda do patrimônio arquitetônico e da identidade, uma vez que está passando para os turistas uma falsa imagem.

INDIQUE OS PRINCIPAIS PROBLEMAS EXISTENTES NO CENTRO HISTÓRICO?

O trânsito, o excesso número de veículos e a falta de estacionamentos representam 41,8% das respostas, a insuficiente coleta de lixo, a falta de lixeiras nas ruas, a falta da rede de esgoto e do tratamento da água indicam 21,3%, assalto e a violência, 12,0%, os serviços públicos deficientes, 10,2%, as ruas sem calçamento e o barulho, 3,7% cada, o desemprego e o descaso com a conservação das edificações, 2,7% cada, alcoolismo e drogas, 1,9%.

O traçado urbano da cidade de Ouro Preto corresponde ao traçado da cidade colonial, onde a configuração dos quarteirões acompanha a topografia do lugar, as ruas são sinuosas e estreitas, próprias para a circulação dos pedestres e a passagem dos cavalos e as carruagens da época. Com a concentração do comércio, dos serviços, das igrejas e de outros monumentos arquitetônicos importantes no centro histórico, aumentou o fluxo de veículos tanto do setor privado como público e, conseqüentemente, o barulho e as trepidações na infra-estrutura física das edificações: "*caminhões, perigo de atropelamento*" (49 anos mora há 6 anos).

A sujeira nas ruas deve-se ao fato de não existirem lixeiras públicas e programas de reeducação aos turistas e à população, o esgoto é jogado ao rio sem tratamento nenhum: "*a poluição do rio incomoda no calor*" (65 anos, mora desde sempre). Por outro lado, "*não existe rede de esgoto, só fossa*" (37 anos, mora há 25 anos). Estes fatores estão ocasionando a proliferação de doenças e a contaminação do solo e das águas. A falta de tratamento da água é outro problema sério.

O assalto e a violência no centro pode-se explicar em parte pela falta de policiamento nas ruas.

A deficiente infra-estrutura física de equipamentos para o lazer, a cultura, o comércio especializado, a segurança contra incêndios e o turismo implica na insatisfação dos usuários, comprometendo a imagem da cidade.

O barulho é ocasionado pelas contínuas festas nas "*repúblicas*" (moradia de estudantes) e a bagunça nas ruas, comprometendo a tranquilidade da vizinhança: "*é necessário impor a lei do silêncio à noite*" (65 anos, mora desde sempre).

O desemprego ocasionado pela recessão no mercado de trabalho é uma característica de todas as cidades.

A falta de conscientização dos proprietários sobre a conservação das edificações, a falta de incentivos financeiros para a restauração das mesmas, entre outros, estão ocasionando a deterioração da infra-estrutura física dos imóveis.

COMO DEVERIA SER FEITO PARA RESOLVÊ-LOS?

As respostas se dirigem à questão anterior, procurando dar soluções aos problemas acima mencionados. As respostas mais significativas são: organizar o trânsito, 25,9%, segurança, 21,3%, melhorar os serviços públicos, 12,0%, melhorar a limpeza pública, 9,3%, saneamento básico e atuação da prefeitura, 6,5% cada, melhorar as calçadas das ruas, 5,6%, organizar a comunidade, 4,6%.

O congestionamento de veículos pode ser resolvido: proibindo o trânsito pesado, criando um horário noturno para o abastecimento do comércio e dos serviços, restringindo algumas ruas só para pedestres, criando estacionamentos rotativos e fora da praça Tiradentes.

Em relação aos serviços públicos: criar áreas de lazer, posto de bombeiros, ampliar o hospital, posto de saúde para a área central, banheiros públicos, abrigo para pessoas, albergue para estudantes.

Tratamento da água, da rede de esgoto, despoluição dos rios, coleta e reciclagem do lixo e implantação de lixeiras nas ruas.

Fiscalização e maior participação do governo local e do IPHAN na preservação do patrimônio.

PROPOSTA PARA A REVITALIZAÇÃO URBANA DO CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO

A seguinte proposta leva em consideração as necessidades e preferência dos usuários, as recomendações expressas nas Cartas Internacionais sobre a revitalização dos centros históricos, as características históricas, econômicas, sociais, culturais e físico- espaciais da cidade, e em nossa vivência em Ouro Preto. Para tal, é necessário a elaboração e a implementação do plano e de um conjunto de projetos estratégicos, enquadrados no planejamento integral da cidade.

Objetivos do plano:

Manter as funções apropriadas existentes, em particular, o comércio, o artesanato e criar outras novas que, para serem viáveis a longo prazo, deveriam ser compatíveis com o contexto econômico e social, urbano, regional ou nacional em que se inserem.

Tornar o centro um espaço de lazer e cultura para toda a população.

Incentivar a adaptação das edificações para usos mistos: habitação e comércio ou habitação e serviços.

Considerações na elaboração do plano:

É importante considerar na elaboração do plano as seguintes medidas: administrativas, financeiras, métodos, assessoramentos e programas educacionais. Além disto, para a elaboração do plano são necessários os seguintes aspectos:

- A Prefeitura deve ser o agente impulsor, através da legitimação do plano, dos projetos estratégicos e dos investimentos públicos.
- Permitir a participação da comunidade local e da iniciativa privada no processo de sua implementação.
- Outorgar incentivos aos investidores privados e aos proprietários para a implementação do plano através da isenção fiscal e de créditos bancários.
- Parcerias da prefeitura com os investidores privados e os agentes bancários.
- Fazer mudanças dos usos do solo existente no centro para atividades e usos que criem uma especialização temporal. Atividades âncora, geradoras de atividades econômicas (lazer, cultura, habitação, comércio entre outros).
- Dar coerência territorial e econômica aos projetos estratégicos.
- Garantir a permanência do uso do solo para habitação.
- Garantir a multidimensionalidade (funcionalidade e rentabilidade máxima) dos projetos estratégicos.

Projetos estratégicos

Os projetos propostos são:

- Conservação e restauração dos edifícios públicos.
- Reabilitação dos edifícios de uso residencial e de uso misto: residencial/comercial e residencial/serviços.
- Revitalização da Praça Tiradentes.
- Centro de cultura e lazer para crianças, jovens e terceira idade.

- Centro de comércio local e de artesanato
- Edifício para bombeiros.
- Seleção e reciclagem do lixo, implantação de lixeiras públicas nas ruas.
- Rede coletora de esgotos sanitários e pluviais e estação de tratamento de esgoto.
- Estação de tratamento da água.
- Despoluição dos rios Ribeirão do Carmo e Rio do Carmo
- Centro de Informações Turísticas
- Reordenamento do tráfego. Evitando o excessivo número de veículos privados e de transporte público, criando áreas estritamente para pedestres, horários para ingresso de veículos que abasteçam o comércio e os serviços, estacionamentos rotativos.
- Conservação e manutenção do paralelepípedo nas ruas, calçamento das ruas.
- Proteção e segurança contra incêndios; instalação de hidrantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Alfonso. **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1997.

BORJA, Jordi e CASTELLS, Manuel. **Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información**. Madrid: Taurus, 1997.

CARRAZONI, Maria E. **Guia dos bens tombados**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1980.

DOZER, Donald Marquand. **América Latina, uma perspectiva histórica**. Porto Alegre: Globo, 1966.

GUELL, José Miguel Fernández. **Planificación estratégica de ciudades**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

FERNÁNDEZ, Antonio C. "Los centros históricos: análisis de su problemática." **NORBA Revista de Geografía**, Cáceres, Vol. V., 1984.

FERNANDES, Simone M. **Ouro Preto: guia dos monumentos civis e religiosos**. Ouro Preto, Ministério da Cultura, IPHAN-Sub-Regional II, 1997.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de conservação, valorização e desenvolvimento de Ouro Preto e Mariana: Relatório síntese**. Belo Horizonte, Gráfica da Fundação João Pinheiro, 1974.

ICOMOS. "Declaração de Tlaxcala". In: IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. Brasília, 1995.

LYNCH, Kelvin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GASPARINI, 1997. "A Arquitetura Barroca Latino-Americana: Uma persuasiva Retórica Provincial." In: AVILA, Alfonso. **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1997.

MANRIQUE, Jorge Alberto. "A Formação da Arquitetura Barroca Americana". In: AVILA, Alfonso. **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1997.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980.

REIS FILHO, Nestor G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

RIO, Vicente del. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: A contribuição ao estudo da percepção ambiental**. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), 1991.

RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia. **Percepção ambiental**. São Carlos: UFSCar, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983

UNESCO. "Recomendação de Nairobi". In: IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. Brasília, 1995.

VASCONCELOS, Sylvio de. "A Arquitetura Colonial Mineira." In: AVILA, Alfonso. **Barroco: Teoria e Análise**. São Paulo: Perspectiva, 1997

VASCONCELOS, Sylvio de. **Vila Rica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

Arquiteta, Mestre em Geografia, Doutoranda pelo PROLAM-USP. Professora do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da UNESP

rosiofbs@faac.unesp.br

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

Rio Claro
ISSN 1519-8693

Vol 1

nº 2 p. 277 - 313
www.olam.com.br

Novembro / 2001